VI REUNIÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA

A pesquisa e o ensino em Arquivologia:

Perspectivas na era digital

Organizadores:
Thiago Henrique Bragato Barros
Robero Lopes dos Santos Jr
Gilberto Gomes Cândido

THIAGO HENRIQUE BRAGATO BARROS
ROBERTO LOPES DOS SANTOS JUNIOR
GILBERTO GOMES CÂNDIDO
Organizadores

A PESQUISA E O ENSINO EM ARQUIVOLOGIA: PERSPECTIVAS NA ERA DIGITAL

\

REPARQ

BELÉM, PA
2019

© 2019 A reprodução desse livro na íntegra ou em parte é permitida, desde que citados os créditos. Proibida a venda.

Comissão Organizadora

Thiago Henrique Bragato Barros (Presidente)
Robero Lopes dos Santos Jr
Gilberto Gomes Cândido

Presidente da Comissão Cientifica

Roberto Lopes dos Santos JR (UFPA)

Conselho Editoral/Comissão Científica

Alzira Sá (UFBA)
Ana Maria Camargo (USP)
André Malverdes (UFES)
Angelica Marques (UNB)
Anna Carla de Almeida Mariz (UNIRIO)
Clarissa Moreira dos Santos Schimidt (UFF)
Eliete Correia dos Santos (UEPB)
Fernando de Assis Rodrigues (UFPA)
Ivana Parrela (UFMG)
Josemar Mello (UEPB)
Luciana Heymann (FGV)
Marcia Pazin (UNESP)
Margarete Farias de Moares (UFES)
Maria Teresa Navarro de Britto Matos (UFBA)
Mariana Lousada (UNIRIO)
Moises Rockembach (UFRGS)
Natalia Tognoli (UFF)
Paulo Roberto Elian dos Santos (FioCruz)
Priscila Gomes (UNIRIO)
Renato de Mattos (UFF)
Renato Tarciso Barbosa de Sousa (UNB)
Telma Campanha Carvalho (UNESP)
Thiago Henrique Bragato Barros (UFRGS)
Welder Silva (UFMG)

Coordenação Editorial: Thiago Henrique Bragato Barros, Glenda da Rocha Monteiro, Leticia Lima Sousa.

Capa: Maíra Fernandes Alencar

Revisão textual: os autores

A pesquisa e o ensino da Arquivologia: perspectivas na era digital
/ [Organizado por] Thiago Henrique Bragato Barros, Roberto Lopes dos Santos Junior, Gilberto Gomes Cândido. – Belém: Ed. da UFPA, 2019.
324: il.

Livro eletrônico.
978-85-61214-37-1 ISBN
Conteúdo: **Eixo 1**: A pesquisa na Arquivologia no século vinte e um - **Eixo 2**: Tendências da preservação eletrônica e digital - **Eixo 3**: Gestão de documentos arquivísticos analógicos e digitais no âmbito público e privado – **Eixo 4**: Memória, Patrimônio e Usuários na Arquivologia contemporânea – **Eixo 5**: Questões contemporâneas de ensino na arquivologia brasileira.

1. Arquivologia 2. Documentos arquivísticos 3. Ensino de arquivologia I. Barros, Thiago Henrique Bragato, *org*. II. Santos Junior, Roberto Lopes, *org*. III. Cândido, Gilberto Gomes, *org*.

CDD – 020

Bibliotecária Letícia Lima de Sousa – CRB2-1549

PREFÁCIO

A Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ), trata-se acima de tudo de um espaço de articulação cientifica, pedagógica e política da Arquivologia. Um espaço construído e conquistado por essa comunidade que, apresenta em sua sexta edição indícios de sua consolidação. Assim, desde seu primeiro encontro tem procurado, discutir, evidenciar e trabalhar os principais aspectos da pesquisa e do ensino em Arquivologia, mantendo em mais uma edição essa prática.

Nesse cenário, tem-se a realização do VI Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia na Universidade Federal do Pará, sob o tema "A pesquisa e o ensino em arquivologia: perspectivas na era digital" ocorrida em setembro de 2019, na cidade do Belém-PA, sendo o primeiro encontro de cunho acadêmico-cientifico realizado na região Norte do país na área de Arquivologia, o que representa um marco para área.

O tema concatenado pelos organizadores visou discutir perpectivas recentes da área digital no contexto do ensino e pesquisa, consolidando a Arquivologia em uma realidade focada em novos paradigmas informacionais e tecnológicos evidenciados em conceitos como "arquivística pós-custodial" e "Arquivística pós-moderna", expandindo as visões gerenciais e históricas vigentes no campo desde a segunda metade do século vinte. Seja no âmbito teórico, profissional, mas, principalmente, no ensino e pesquisa, a Arquivologia busca novas metodologias, interpretações e abordagens que permitam sua constante renovação e adaptação a esse cenário complexo que, de forma incessante, desafia a área no atual cenário.

Ao longo dos trabalhos aqui publicados, é possível perceber, mais do que nunca, a presença das discussões no âmbito da pesquisa e do ensino, sinalizando a consolidação do motivo pela qual a REPARQ foi criada.

Agradecemos também aos apoios da CAPES, UFPA e Fadesp para a realização do evento.

Ao longo da leitura dos trabalhos convidamos todos a discussão, reflexão e aprimoramento das mais variadas questões em nosso campo de conhecimento.

Thiago Henrique Bragato Barros
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade Federal do Pará
Novembro/2019

SUMÁRIO

A pesquisa na Arquivologia no século vinte e um

Análise de domínio: um estudo nos anais da Reunião de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ)..... **9- 19**

A identificação de funções e tipos documentais na Classificação de documentos de arquivo: o caso do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas/FIOCRUZ **20- 29**

Classificação, descrição e indexação em arquivos: diferenças e aproximações possíveis **30- 40**

Informação, documentos, arquivos e repositórios: mecanismos de difusão de conhecimentos para as inovações gerenciais nos sistemas de saúde **41- 48**

Os arquivos pessoais na comunicação científica brasileira: um mapeamento dos encontros científicos nas áreas de Arquivologia e Ciência da Informação **49- 57**

Inusitado, mas possível: estudo diplomático de recortes de jornal **58- 68**

Competência em Informação e Arquivologia: Relato de pesquisa **69- 79**

A Gestão do Conhecimento e a Informação Arquivística: possíveis interseções **80- 90**

A nova morfologia da Arquivologia no século XXI: o microscópio da justiça social dos arquivos, responsabilidade e democracia **91- 96**

Tendências da preservação eletrônica e digital

Diplomática Digital: uma nova abordagem? **98- 107**

Identificando ligações entre o Records in Context e o Records Continuum: análise da multidimensionalidade comum aos modelos **108- 116**

Gestão de documentos arquivísticos analógicos e digitais no âmbito público e privado

Recomendações para a implantação do sistema de arquivos da Universidade Federal do Rio de Janeiro **118- 127**

Contribuições arquivísticas para a segurança do paciente **128- 135**

Proteção aos documentos analógicos e digitais: a legislação e o caso do INSS **136- 146**

A linguagem do indizível: contribuições para organização de acervos de dança **147- 156**

Dimensões contextuais e requisitos que indicam a possibilidade de registro de informações pessoais nos documentos arquivísticos **157-172**

Análise do Cenário Institucional e Arquivístico do Arquivo Público de Macaé: novas discussões para antigos problemas **173- 183**

Instrumentos de classificação propostos pelo Conarq e pelo Senado Federal: uma análise comparativa a partir da produção documental **184- 194**

Memória, Patrimônio e Usuários na Arquivologia contemporânea

O ensino das disciplinas das áreas de Cultura, Memória e Patrimônio Cultural na Arquivologia: Um balanço de dez anos de experiência **196- 203**

Arquivo e Educação: Diálogos e Possibilidades **204- 212**

Presença de disciplinas sobre usuários nos cursos de Arquivologia brasileiros **213- 220**

Questões contemporâneas de ensino na arquivologia brasileira

A Trajetória Histórico-Curricular do Curso de Graduação em Arquivologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) **222- 232**

A formação do profissional Arquivista e o ensino do tratamento de documentos fotográficos em arquivos **233- 242**

A Educação à Distância e o Ensino na Arquivologia: Possibilidades e desafios na graduação ... **243- 250**

Programa de Pós-graduação em Gestão de Documentos e Arquivos: uma análise a partir da visão dos egressos **251- 260**

O Ensino em Arquivologia na perspectiva da era digital: O caso do curso de Arquivologia da UFES **261- 269**

Ensino, Pesquisa e Extensão na Graduação em Arquivologia: relato de experiência de projeto integrado **270- 278**

(Re)pensar o currículo: a experiência de revisão curricular do curso de Arquivologia da UFMG.. **279- 288**

Perfil acadêmico dos integrantes do grupo de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (EPARQ) A Competência em Informação na Arquivologia: reflexões sob o enfoque da pesquisa..... **289- 303**

A Competência em Informação na Arquivologia: reflexões sob o enfoque da pesquisa **304- 314**

Ensinando Paleografia no Século XXI: um relato de experiência **315- 325**

Questões contemporâneas de ensino na arquivologia brasileira

Contemporary issues of teaching in Brazilian Archival Science

Ensinando Paleografia no Século XXI: um relato de experiência

Teaching Paleography on the XIXth century: an experience report

Camila Mattos da Costa (1)

(1) UFES, Av. Fernando Ferrari, 514 - Goiabeiras, Vitória - ES | CEP 29075-910, camilamcta@gmail.com

Resumo

O presente trabalho é um relato da experiência realizada na disciplina de "Prática em Arquivologia", do curso de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A disciplina tinha como objetivo realizar a transcrição paleográfica de documentos identificados como censitários pelo Arquivo Público do Espírito Santo (APEES). Os documentos selecionados, digitalizados pela instituição custodiadora e compartilhados com os alunos eram todos datados do século XIX (1813 – 1875), e haviam sido produzidos com o objetivo de controlar os residentes e aqueles que chegavam ao estado, no caso dos imigrantes. Foram transcritas de acordo com as regras de transcrição paleográfica 250 páginas de documento ao longo de um período letivo. A disciplina de prática em Arquivologia objetiva capacitar os alunos para a realização de transcrições paleográficas e exercitar o uso das normas de transcrição já consolidadas. Ao longo da disciplina, os alunos puderam praticar a tarefa de transcrição de documentos manuscritos e uso das ferramentas da tecnologia para o desenvolvimento das tarefas individual e coletivamente.

Palavras-chave: Transcrição Paleográfica; Ensino de Arquivologia; Paleografia na Contemporaneidade; Ensino de Paleografia.

Abstract

The present article is an experience report of the activities of the"Practice in Archival Sciences" discipline, of the Archival Sciences undergraduate program at the Federal University of Espírito Santo (UFES). The discipline had as its objective to conduct a paleographic transcription of documents identified as censitary by the Public Archives of Espírito Santo (APEES). The selected documents, digitized by its custodian institution and shared with the students were all dated back to the XIXth century (1813 – 1875), and had been produced aiming to control the residents and those coming into the state, mainly immigrants. 250 pages of documents were transcript in the course of one school year, according to the paleographic transcription standards. The "Practice in Archival Sciences" discipline has as its main goals to capacitate the students to accomplishing paleographic transcriptions and exercise the usage of the consolidated transcription standards. Throughout the discipline, the students could manage to practice the transcription of manuscript documents and the use of technological tools to the fulfilment of their tasks both individually and in groups.

Keywords: Paleographic Transcription; Archival teaching; Contemporary Paleography; Paleographic teaching.

1 Introdução

A prática de leitura de manuscritos antigos, denominada Paleografia, baseia-se na necessidade de decifrar e interpretar os registros antigos e manuscritos que se tornaram ilegíveis para a maior parte dos indivíduos. Para a Arquivologia, é possível identificar que a capacidade de ler e transcrever documentos manuscritos é útil em ao menos dois processos importantes para o exercício da atividade profissional. No caso de manuscritos antigos, a leitura/transcrição paleográfica auxilia na descrição dos documentos e também é uma maneira de promover a difusão destes acervos para um público maior. A Paleografia, neste sentido, possui o papel de interpretação dos documentos por meio de sua escrita, "determinando o tempo e o local de sua redação através de estudo metódico" (KRUGER, 2014, p.213). É por isso que a paleografia segue importante no processo de formação do Arquivista (KRUGER, 2014; LEAL, 2013). A autora aponta que o ensino da Paleografia é exigência para o bom exercício profissional dos arquivistas, pois é capaz de auxiliar na leitura e interpretação dos documentos, colaborando com as funções da classificação e descrição (KRUGER, 2014, p.213), corroborando aquilo que fora dito anteriormente. Aline Kruger (2014, p.213) aponta também que a paleografia é indispensável método de pesquisa, pois utiliza-se da análise de conteúdo, o que a autora entende como "uma operação metodológica fundamental na construção do conhecimento científico sobre a Informação" (KRUGER, 2014, p.213).

A paleografia (e a diplomática) têm tido ao longo dos séculos uma forte relação com a arquivística. Apesar disso, Elias Mateus (2016, p.27) aponta que, ao longo do século XX, a Paleografia e a Diplomática foram relegadas à posição de disciplinas optativas principalmente nos cursos de História, Letras, Arquivologia e Biblioteconomia. Em entrevista concedida a Carlos Eduardo dos Reis e realizada em 2013 em ocasião da realização do V Congresso Nacional de Arquivologia, o professor e paleógrafo João Eurípedes Franklin Leal indica que apesar disso, a técnica vem sendo redescoberta. O professor segue ainda indicando que um dos problemas do ensino da

Paleografia é a falta de professores universitários capacitados (REIS, 2013, p.7).

O presente artigo objetiva mostrar os resultados obtidos na disciplina de Prática em Arquivologia, cujo o propósito era a realização de transcrições paleográficas de documentos censitários do século XIX do Espírito Santo (UFES), realizada no período 2018.2, pelo Departamento de Arquivologia em parceria com o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES). Também pretende-se discutir como o ensino da Paleografia é um instrumento interessante para o processo de aprendizagem em arquivologia na atualidade.

Foram transcritas aproximadamente 250 páginas. Os documentos elaborados ao longo do Século XIX são capazes de evidenciar as diferenças de grafia de palavras, abreviaturas, entre outros elementos. Já o conteúdo possibilita perceber como estava configurada a sociedade espírito-santense ao longo do século XIX. Portanto, os documentos transcritos constituem um conjunto bastante rico para entender a história do Estado do Espírito Santo e as diferenças na língua portuguesa ao longo do tempo. Além disso, é importante evidenciar que os documentos censitários costumeiramente atraem usuários aos arquivos por diversas questões.

A iniciativa deu-se porque os alunos realizaram transcrições ao longo da disciplina de Paleografia e Diplomática no semestre anterior. Como há muitos semestres, a disciplina não era ofertada e já não consta como disciplina no Plano Curricular vigente no curso, houve muitos inscritos de diversos cursos além da arquivologia. Participaram da disciplina de Paleografia e Diplomática alunos do curso de letras, artes, história, arquivologia, biblioteconomia e gemologia. No semestre de 2017/2, os alunos, além dos aspectos teóricos da disciplina, realizaram diversas transcrições dos documentos. A carga horária da disciplina de apenas 30 horas/aula, dividida entre atividades teóricas e práticas. No entanto, os documentos utilizados como exercícios práticos não tinham correlação alguma com a história do Espírito Santo. Também possuíam poucas páginas, impossibilitando que os alunos pudessem perceber o padrão na grafia das palavras ou do notário. Por causa do sucesso da disciplina, buscou-se através da parceria com o APEES a realização de uma nova disciplina com o objetivo de praticar aquilo que já havia sido apresentado aos alunos. No Projeto Pedagógico do Curso do bacharelado em Arquivologia da UFES vigente a partir de 2017, há uma série de disciplinas práticas. Há as disciplinas de "Prática em Pesquisa", "Prática em Arquivologia" e "Prática em Tecnologia". A experiência aqui relatada estava sob o código da disciplina de "Prática em Arquivologia". Estas disciplinas possuem ementas bem abrangentes e flexíveis, objetivando facilitar a realização de atividades práticas em arquivos com os alunos. Nestas disciplinas, os alunos podem e devem exercitar aquilo que aprenderam na teoria nas demais disciplinas. Por causa da proposta do plano pedagógico, foi possível realizar uma disciplina que consistisse somente na prática de transcrição paleográfica ao longo de um semestre. A disciplina também possuía carga horária de 30 horas/aula.

Para tal, o APEES forneceu digitalizações dos documentos censitários listados abaixo. Aqui estamos entendendo como censitários os documentos que contenham informações sobre a população do Espírito Santo no século XIX.

Os alunos desenvolveram ao longo do semestre a transcrição paleográfica, ou seja, a transcrição de documentos com base nas normas de transcrição paleográfica já consolidadas dos seguintes documentos:

- Mapa ou Lista do Número do Povo da Villa Nova de Almeida existente nella no anno de 1813;
- Mapa [estatístico] da População de Benevente [1813]
- Mapa dos Moradores do Destricto de Guaraparim com a mensão de suas idades, cores, estados, empregos, occupações em 1.º de Julho de 1814;
- Mapa dos batizamentos e casamentos na Freguesia de Cariacica [1863]
- Mapa dos óbitos da Freguesia de Cariacica [1863]
- Lista de Habitantes de Itapemirim em 1833
- Mapa da População de Victória em 1825
- Livro de Matrícula do Ilheós - Portugueses [1812-1815]
- Relação de Imigrante que seguiram para Santa Isabel
- Relação dos Filhos Livres de Mulheres Escravas Residentes em Vitória (1875)

Este trabalho divide-se fundamentalmente em duas partes. A primeira delas discorre sobre os elementos teóricos que norteiam a prática de transcrições paleográficas. Já a segunda parte apresenta a experiência da disciplina realizada na Universidade Federal do Espírito Santo.

2 Desenvolvimento

O ensino de Arquivologia no século XXI continua impondo desafios aos professores e alunos. É preciso adaptar-se às realidades e as demandas dos dias atuais, utilizando-se das ferramentas disponíveis e propondo atividades que sejam, de algum modo, estimulantes para os alunos. É neste contexto em que a disciplina de Prática em Arquivologia, voltada para a realização de transcrições paleográficas é realizada.

2.1 Ensinando paleografia no século XXI

Nesta seção, discorremos sobre experiências de ensino de Paleografia na atualidade, abordando suas potencialidades e seus desafios.
A paleografia, segundo Ana Regina Berwanger e Franklin Eurípedes Leal (2008, p.16), compreende "a história da escrita, a evolução das letras, bem como os instrumentos para escrever". É considerada por alguns como arte ou ciência. No entanto, há certamente uma dimensão técnica (BERWANGER; LEAL, 2008. p.16).

Deve-se observar conforme o apontador pela professora Aline Krüger (2014, p.213) que, durante as práticas de transcrição paleográfica deve-se observar

> a base da escrita, a tinta, a grafia das palavras, a caligrafia, a pautação, os parágrafos, a pontuação, a numeração, bem como eventuais tentativas de adulteração do documento, entre outros aspectos (KRUGER, 2014, p.213)

Segundo Aline Krüger (2014, p.212), trabalhos paleográficos sobre fundos documentais pouco conhecidos permitem que o acesso e a interpretação dos documentos sejam melhores para usuários, proporcionando conhecimento sobre diversos aspectos da vida em sociedade como a língua e a linguagem utilizada no momento de elaboração do documento, mas também sobre outros aspectos da vida em sociedade. Portanto, as fontes selecionadas para o trabalho são capazes de:

5. Conhecimento sobre padrões e variações da língua portuguesa no século XIX no estado do Espírito Santo;
6. Reflexos da sociedade brasileira e espírito-santense ao longo do tempo, entendendo até mesmo diferenças de gênero e classe;
7. Estudos genealógicos;
8. As múltiplas origens do povo brasileiro e espírito-santense: brancos, pardos, indígenas e negros**,** europeus, brasileiros; e
9. Dados econômicos.

A professora Aline Krüger (2014, p.214) nos lembra que alguns problemas causam dificuldade aos alunos no primeiro contato com os documentos. Conforme apontado pela autora,

> o não reconhecimento do tipo de letra, as disparidades nas formações das palavras e frases, expressões e abreviaturas não usuais nos dias de hoje, o estado de conservação do papel e da tinta, que podem causar borrões, abrasões, perfurações, o que acarretam dificuldades na leitura (KRUGER, 2014, p.2014).

Deve-se considerar também, conforme o apontado por Elias Mateus (2016, p.37) o primeiro passo ao iniciar o processo de transcrição do manuscrito, deve ser a familiarização com o punho do amanuense. O autor aponta que é "a partir de uma matriz comum do alfabeto de determinada época, cada escriba imprime suas próprias particularidades na sua escrita".

A paleografia para além do espanto das dificuldades iniciais exige prática. Franklin Leal (REIS, 2013, p.8) aponta que para "ser paleógrafo, além dos estudos, tem que ter a prática, mas a prática sem a teoria é fraca e a teoria sem a prática de pouco vale.". É preciso a conjugação das duas coisas.

Por isso, a seguir, descreveremos a experiência da realização da disciplina.

2.2 A parceria Arquivo Público e Universidade: o Projeto Censos

O APEES e a UFES têm uma parceria contínua e de longa data. Por meio do convênio celebrado entre as duas instituições diversas atividades de pesquisa, ensino e, até mesmo, extensão são realizadas. A presente experiência dá-se sob o convênio assinado em 2017 pelas duas instituições.

O projeto "CENSOS POPULACIONAIS DO SÉCULO XIX NO ESPÍRITO SANTO" objetiva divulgar fac-símiles e transcrições paleográficas de fontes documentais (mapas e/ou listas nominais de população, estatísticas dentre outros) provenientes de diversos fundos do APEES sobre a população capixaba no século XIX. O projeto é capaz de proporcionar um acesso mais rápido e prático ao público acadêmico, com interesse em diversas áreas de pesquisa, tais como: Demografia Histórica, História Cultural, História Social, História da Família, Genealogia, dentre outras.

Outro objetivo do projeto idealizado pelo Arquivo Público é o atendimento de uma demanda social existente na instituição, possibilitando que parte da população capixaba e espírito-santense como, por exemplo, os descendentes de povos africanos e indígenas, dentre outros, tenham acesso a fontes documentais, embora mais escassas, porém similares as que foram utilizadas para a Base de Dados do Projeto Imigrantes Espírito Santo [1]. Deste modo, o APEES objetiva tornar disponíveis as fontes que permitirão aos usuários conhecerem os povos que colonizaram o Espírito Santo ao longo do século XIX.

A digitalização dos manuscritos foi importante porque a atividade pôde ser realizada à distância, fora do horário de funcionamento da instituição arquivística. Além disso, as imagens puderam ser editadas de acordo com as necessidades dos alunos que transcreviam os documentos. Conforme apontado por Elias Mateus (2016, p.27), o documento original permanece sob a custódia da instituição arquivística. Os alunos possuem diante de si, uma cópia do documento manuscrito original disponibilizado pela instituição. O primeiro olhar diante dos documentos foi de espanto, mas pouco

a pouco, os alunos puderam se familiarizar com o conjunto documental, adquirindo maior habilidade com a prática ao longo do semestre.

A seguir, discorreremos sobre a metodologia de trabalho empregada ao longo da disciplina.

2.3 Transcrevendo individualmente, corrigindo em grupo

A professora Aline Krüger em artigo publicado em 2014 apresentou a experiência da realização da disciplina Paleografia e Diplomática com alunos da Universidade Federal de Santa Catarina. Segundo ela, a disciplina tinha por "finalidade desenvolver e ampliar a habilidade do aluno na compreensão de textos antigos" (KRUGER, 2014, p.213). A disciplina enfatizava a "prática de leitura e edição de textos antigos, através do aperfeiçoamento de técnicas específicas para a transcrição de documentos" (KRUGER, 2014, p.213). Segundo a autora, os documentos eram transcritos segundo as "Normas técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos", assim como aqueles que foram descritos pelos alunos da UFES. A experiência da Universidade Federal de Santa Catarina realizou-se a partir da documentação custodiada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Na experiência realizada na Universidade Federal do Espírito Santo, ao longo de um semestre, oito alunos realizaram a transcrição de nove documentos. Recebemos 212 imagens digitalizadas e foram produzidas a partir disto, como dito anteriormente, 250 páginas de transcrição.
As transcrições foram realizadas segundo as normas técnicas de transcrição paleográfica, como o dito anteriormente. A norma de transcrição paleográfica estabeleceu as diretrizes e convenções para a realização de transcrição e edição de documentos manuscritos. O objetivo da publicação é compilar os critérios, tornando as edições paleográficas mais uniformes.

A disciplina foi dividida em duas partes. A primeira delas objetiva explicitar as regras de transcrição paleográfica e as convenções que utilizaríamos ao longo do processo. Por exemplo, por uma questão pedagógica, optamos por sempre realizar a extensão das abreviaturas, possibilitando que os alunos utilizassem o dicionário de abreviaturas organizado por Maria Helena Flexor.

Ressaltou-se também a preocupação com a manutenção da grafia original das palavras

Os documentos foram divididos em grupos cujo os membros foram escolhidos aleatoriamente de acordo com o número de páginas do documento. Outros documentos cujo o número de páginas era pequeno ou apenas uma foram feitos individualmente. Segundo o acordado com a turma, as imagens deviam ser editadas de modo que as linhas dos documentos recebessem numeração. Ou seja, os alunos tiveram contato com programas de edição de imagens e tinham autonomia para escolher aqueles que tivessem maior facilidade ou disponibilidade nos computadores da universidade ou em suas residências.

As aulas eram realizadas no laboratório de informática disponível na Universidade. Em casa, os alunos realizavam as transcrições dos documentos sob sua responsabilidade em arquivo editável. Convencionamos também que as dúvidas seriam colocadas em vermelho, facilitando que fossem encontradas no momento da conferência realizada em grupo.

No laboratório durante o horário de aula, realizávamos coletivamente a conferência do material, dirimindo as dúvidas que ficaram marcadas em vermelho. Os alunos também podiam consultar o dicionário caso precisassem. A experiência foi interessante porque as atividades eram realizadas individual e coletivamente, de certo modo. Isto favorece tanto a capacidade de autonomia quanto a valorização do trabalho em grupo. Os documentos deviam ser transcritos em arquivo de texto editável. Por isso, os alunos e alunas puderam experimentar a utilização dos recursos destas ferramentas de edição de textos, adaptando-as e adequando-as às realidades da transcrição paleográfica de documentos.

A disponibilização de documentos digitalizados para a prática de transcrições paleográficas dá maior autonomia porque permite que as transcrições sejam realizadas à distância, a qualquer tempo e com o uso de ferramentas de edição de imagem. Estas ferramentas de edição de imagem permitem também que os documentos digitalizados sejam observados com maior ou menor *zoom,* cumprindo a função da lupa que é parceira de longa data dos paleógrafos.

A seguir, apresentaremos alguns dos resultados dos trabalhos realizados pelos estudantes ao longo da disciplina.

2.4 Resultados: transcrições realizadas pelos alunos

Ao longo de um semestre, os alunos realizaram transcrições paleográficas de documentos censitários. Estes documentos eram identificados como listas, relações de imigrantes e mapas. Os documentos eram também bastante diferentes entre si, com características diplomáticas diversas. As principais dificuldades apontadas envolviam a grafia das palavras e as abreviaturas encontradas nos documentos.

Como exemplos, apresentaremos três documentos do conjunto apontado anteriormente. São eles os mapas da população de Benevente (1813) e Victoria (1825), e a lista de moradores da Villa de nova Almeyda. Todos estes documentos apresentam as respectivas

transcrições das páginas das figuras em tamanho legível no apêndice deste trabalho.

O primeiro documento é o mapa populacional de Benevente. A Villa de Benevente corresponde hoje ao munícipio de Anchieta.

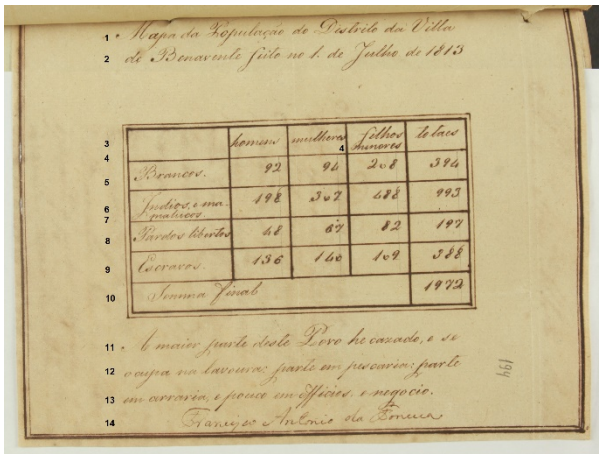

Figura 1. Mapa da População do Distrito da Villa de Benevente (1813)

No documento acima, destaca-se a possibilidade de conhecer o quantitativo populacional do Distrito de Villa de Benevente em 1813. Lá residiam homens e mulheres, adultos e crianças, brancos, negros, pardos, índios e mamelucos. A maior parte dos habitantes era casado e ocupava-se da lavoura. A ocupação de outros era a pescaria, a "cerraria", "officios" e negócios. Este documento tem somente uma página.

A seguir, a transcrição paleográfica do documento acima:

1 Mapa da População do Distrito da Villa[1]

2 De Benavente feito no 1. de Julho de 1813

	homens	mulheres	filhos menores	totaes
3–4				
5 Brancos	92	94	208	394
6–7 Indios, e mamalucos	198	307	488	993
8 Pardos libertos	48	67	82	197
9 Escravos	136	140	109	388
10 Somma final				1972

11 A maior parte deste Povo he cazado, e se

12 ocupa na lavoura: parte em pescaria: parte

13 em cerraria, e pouco em officios, e negocio.

14 Francisco Antonio da Fonseca

[1] anotação posterior a lápis na lateral inferior direita da página do numeral 194)

Figura 2. Transcrição do Mapa da População do Distrito de Villa de Benevente (1813)

O segundo documento, o Mappa da População da Cidade da Victoria, indica que a cidade é a capital da província do Espírito Santo. Victoria, na atualidade Vitória, segue sendo a capital do Estado.

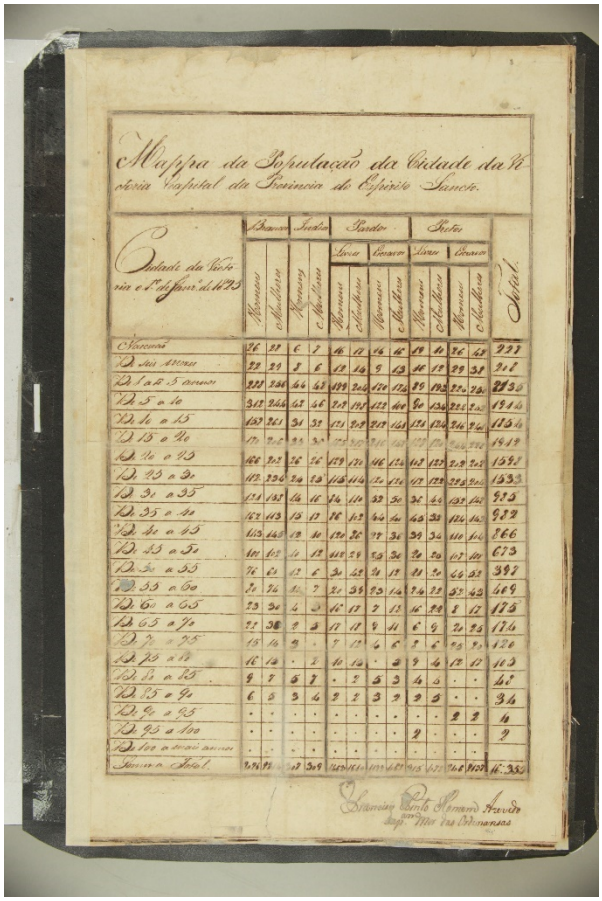

Figura 3. Mapa da População da Cidade de Victoria (1825)

O documento está assinado pelo Capitão Mor das Ordenanças Francisco Pinto Homem de Azevedo. A palavra Capitão encontra-se abreviada. No documento aparece "Cap^{am}". Segundo o dicionário organizado por Maria Helena Flexor (2008, p.76), a abreviatura pode ter dois significados: Capelão e Capitão. Para dirimir a dúvida, encontrou-se uma referência ao Capitão Francisco Pinto Homem de Azevedo devido à sua importância na configuração administrativa e social do Espírito Santo do século XIX. Provando mais uma vez que as tecnologias da comunicação e informação podem, sim, funcionar como aliadas no processo de transcrição de documentos paleográficos. Este documento tem somente uma página.

A seguir, a transcrição do documento acima:

Mappa da População da Cidade da Victoria Capital da Provincia do Espirot Sancto.

Cidade da Victoria no 1º de Janeiro de 1825	Brancos		Indios		Pardos				Pretos				Total
					Livres		Escravos		Livres		Escravos		
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Nascerão	26	28	6	7	16	17	16	16	19	10	26	42	227
De seis meses	22	29	8	6	12	16	9	13	16	12	29	38	208
De 1 até 5 annos	288	256	44	42	199	204	170	176	89	192	226	250	2135
De 5 a 10	312	244	62	46	202	198	122	100	90	134	222	262	1914
De 10 a 15	152	261	31	32	121	202	212	141	124	124	216	241	1854
De 15 a 20	170	206	35	30	165	417	216	167	128	120	266	288	1912
De 20 a 25	166	202	26	26	129	170	46	124	108	127	202	202	1598
De 25 a 30	162	234	24	25	115	114	120	126	112	122	225	204	1533
De 30 a 35	121	158	16	16	84	110	52	50	36	44	152	168	985
De 35 a 40	162	113	15	19	86	102	44	100	45	32	184	142	982
De 40 a 45	143	145	12	10	120	86	27	36	39	34	110	104	866
De 45 a 50	100	102	10	12	412	29	25	30	20	20	109	100	673
De 50 a 55	76	61	12	6	30	42	21	12	21	20	44	52	397
De 55 a 60	80	74	11	7	20	35	23	14	24	22	52	42	409
De 60 a 65	23	30	4	5	16	17	7	12	16	22	8	17	175
De 65 a 70	22	30	2	5	17	18	9	11	6	9	20	25	174
De 70 a 75	15	16	3	.	7	12	6	6	8	6	25	20	120
De 75 a 80	16	15	.	2	10	15	.	5	9	4	12	17	105
De 80 a 85	9	7	5	7	.	2	5	3	4	6	.	.	48
De 85 a 90	6	5	3	4	2	2	3	2	2	5	.	.	34
De 90 a 95	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	2	2	4
De 95 a 100	.	.	.	.	.	.	.	.	2	.	.	.	2
De 10 a mais annos	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	
Somma Total	2021	2214	307	309	1463	1610	1199	1062	915	1072	2106	2137	16:352

Francisco Pinto Homem Azevedo
Cappitam Mor das Ordenanças

Figura 4. Mapa da População da Cidade de Victoria (1825)

O último documento, é a lista dos moradores da Villa de Nova Almeyda, produzido em 1813.

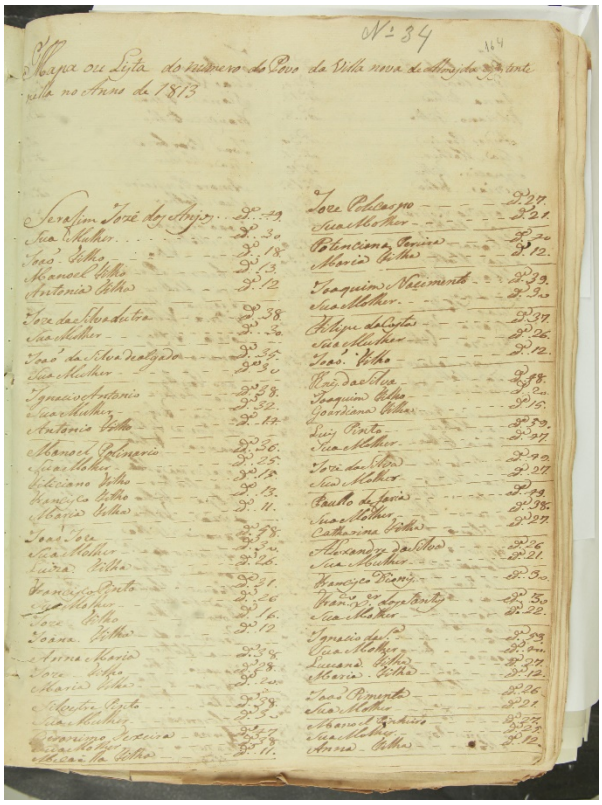

Figura 5. Lista dos Moradores de Villa de Nova Almeyda (1813)

Os nomes dos moradores e suas idades são listados. As famílias são separadas a partir do nome do pai. Curiosamente, as mulheres não tem nome. No documento aparece o nome do sujeito que é o chefe da família. Seguido da expressão "sua mulher". Na realidade, ao longo do documento aparecem duas grafias para a palavra mulher. Sendo elas mulher e molher. Ou seja, as mulheres não são nomeadas no documento, demonstrando seu papel social naquele momento. Os filhos e filhas são identificados pelos nomes. Há também duas maneiras de escrever a palavra idade. Sendo idade e edade. O documento é composto por 25 páginas.

A seguir, a transcrição do documento acima:

N° 34 154

01 Mapa ou Lista do numero do Povo da Villa nova de Almeyda existente
02 nella no Anno de 1813

03	Serafim José dos Anjos	edade 29	35	Joze Policarpo	edade 27
04	Sua Mulher	edade 30	36	Sua Molher	edade 21
05	José Filho	edade 18	37	Potenciana Pereira	edade 70
06	Manoel Filho	edade 13	38	Maria Filha	edade 12
07	Antonia Filha	edade 12	39	Joaquim Nascimento	edade 39
08	Joze da Silva Duta	edade 38	40	Sua Molher	edade 30
09	Sua Mulher	edade 30	41	Filipe da Costa	edade 37
10	José da Silva Doulado	edade 35	42	Sua Mulher	edade 26
11	Sua Mulher	edade 30	43	José Filho	edade 12
12	Ignacio Antonio	edade 38	44	Luis[?] da Silva	edade 78
13	Sua Mulher	edade 32	45	Joaquim Filho	edade 20
14	Antonio Filho	edade 17	46	Geordiana Filha	edade 15
15	Manoel Polinario	edade 36	47	Luiz Pinto	edade 59
16	Sua Molher	edade 25	48	Sua Molher	edade 77
17	Filiciano Filho	edade 13	49	José da Silva	edade 79
18	Francisco Filho	edade 13	50	Sua Molher	edade 27
19	Maria Filha	edade 11	51	Paullo de faria	edade 79
20	José Joze	edade 48	52	Sua Molher	edade 38
21	Sua Molher	edade 30	53	Catharina Filha	edade 27
22	Luiza Filha	edade 26	54	Alexandre da Silva	edade 26
23	Francisco Pinto	edade 31	55	Sua Mulher	edade 21
24	Sua Molher	edade 26	56	Francisco Dionis[?]	edade 30
25	Joze Filho	edade 16	57	Francisco Nunes dos Santos	edade 30
26	Joana Filha	edade 12	58	Sua Molher	edade 22
27	Anna Maria	edade 38	59	Ignacio da Silva	edade 53
28	Joze Filho	edade 28	60	Sua Molher	edade 70
29	Maria Filha	edade 20	61	Luciana Filha	edade 27
30	Silvestre Pinto	edade 38	62	Maria Filha	edade 12
31	Sua Mulher	edade 30	63	José Pimenta	edade 26
32	Geroniro Teixeira	edade 77	64	Sua Molher	edade 21
33	Sua Molher	edade 38	65	Manoel Pinheiro	edade 27
34	Micaella Filha	edade 11	66	Sua Molher	edade 25
			67	Anna Filha	edade 12

Nota de rodapé: N° 34 e 154 são elementos presentes no início da página, escritos a lápis, que não fazem parte do documento original, sendo acrescentados após a criação do documento.

Figura 6. Lista dos Moradores de Villa de Nova Almeyda (1813)

Estes são apenas alguns exemplos das transcrições realizadas em sala de aula. As imagens apresentam o destaque em vermelho das palavras cujo a grafia não corresponde à grafia atual. Isso demonstra que é preciso estar atento ao trabalho, inclusive desativando a correção automática do editor de texto para garantir que a grafia presente no documento seja respeitada.

Os documentos transcritos possuíam diferentes graus de dificuldade. Outro ponto a ser destacado é a questão dos tipos documentais utilizados na época como mapas e listas para atividades censitárias e de controle

populacional. Os alunos conseguiram observar algumas das práticas com documentos vigentes à época.

Os documentos assim como todos os documentos que compõem a série Censos Capixabas não possuem iluminaras, selos e gravuras. Seu estado de conservação está relativamente bom, apesar de algumas poucas sujidades que não foram capazes de atrapalhar a leitura dos documentos.

3 Conclusão

O material transcrito certamente poderá ser utilizado como fonte para pesquisas que tratem da história do Espírito Santo e de sua gente.

A disciplina foi importante porque possibilitou a prática da leitura e transcrição paleográfica, para além das discussões teóricas. Também trouxe aos alunos a possibilidade de conhecer padrões de grafia e escrita das palavras no século XIX e executar transcrições conforme a norma. Outro aspecto a ser destacado em relação à disciplina é que o trabalho foi executado individualmente, mas a revisão do trabalho foi feita em grupo. Portanto, os estudantes puderam exercer tanto sua autonomia ao realizarem suas tarefas individuais, quanto foram estimulados a trabalhar em grupo para que o trabalho pudesse ser concluído.

Os alunos apresentaram entusiasmo durante as aulas e diante da transcrição dos documentos, buscando maiores informações sobre as localidades e as pessoas envolvidas, por exemplo. Os estudantes relataram que a disciplina mudou a relação deles com os documentos manuscritos, auxiliando-os na leitura e interpretação de documentos escritos à mão em outros momentos e atividades, indicando que a disciplina foi importante em suas formações. Eles também disseram que o conteúdo dos documentos foi interessante porque possibilitou que conhecessem uma parte da história e dos costumes da sociedade espírito-santense no século XIX.

Apesar das dificuldades iniciais com o uso com das ferramentas tecnológicas, os alunos conseguiram aproveitar as potencialidades das mesmas e superando os problemas de seu uso.

A realização de aulas práticas de transcrição auxilia os alunos na prática profissional vindoura porque os ajuda a aprender características das grafias e das letras dos indivíduos, mas também a buscar soluções para os problemas que surgem, exercitando a autonomia dos estudantes. Outro aspecto é que, apesar do estranhamento inicial, os alunos começam a identificar-se com as tarefas e passam a gostar do processo de transcrição de documentos.

Conforme dito anteriormente, o ensino da Arquivologia continua desafiador para alunos e professores na atualidade. Deste modo, a prática de leitura e transcrição paleográficas podem ser excelentes ferramentas. Dito isto, é necessário encontrar mecanismos para que a Paleografia permaneça instigante e adaptada às novas demandas da profissão de arquivista. É neste contexto que as ferramentas de comunicação e informação podem ser utilizadas de forma a auxiliar as atividades de transcrição e podem ser um bom instrumento pedagógico em disciplinas de Paleografia.

De um lado, a prática em paleografia provoca nos alunos a curiosidade diante dos documentos tanto pelos seus aspectos extrínsecos quanto por seus aspectos intrínsecos, passando pelos elementos intermediários. Por outro, documentos que possuem transcrição paleográfica têm seu uso facilitado pelos pesquisadores especializados ou leigos. Conclui-se, portanto, que ainda há espaço para o ensino da paleografia nos cursos de arquivologia no século XXI.

Notas

[1] O projeto Imigrantes foi desenvolvido a partir de informações obtidas em documentos sob custódio do APEES, do Arquivo Nacional, principalmente. Maiores informações sobre o projeto podem ser encontradas no endereço eletrônico http://imigrantes.es.gov.br/.

Referências

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Censos Populacionais. Espírito Santo, 2019. Disponível em: < https://ape.es.gov.br/censos-objetivo>. Acesso em 05 jul 2019.

BERWANGER, Ana Regina. LEAL, Franklin Eurípedes. Noções de Paleografia e Diplomática. 3ed. Santa Maria: UFSM, 2008.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Abreviaturas: Manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 3 ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

KRUGER, Aline. O ensino de Paleografia no curso de graduação em arquivologia da UFSC: um exercício com os documentos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis: **Ágora**, v. 24, n. 48, p. 211-223, jan./jun., 2014. Disponível em:< https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/483>. Acesso em: 05 jul 2019.

MATEUS, Elias Theodoro. Os “papéis velhos” na rede: manuscritos digitalizados e a leitura paleográfica. **Aedos**. V. 8, n. 18, p. 26-51, Ago 2016

REIS, C. E. V congresso nacional de arquivologia e o vii encontro nacional de paleografia e diplomática: uma entrevista com o professor João Eurípedes Franklin leal. **Ágora**, v. 23, n. 46, p. 5-13, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/13801>. Acesso em: 05 jul.2019.